

# Produção de conhecimento acadêmico sobre Antiguidade Clássica e diálogo com a sociedade brasileira: algumas reflexões a partir da Universidade Federal do Paraná (UFPR)<sup>1</sup>

Research on Classical Antiquity and dialogue with Brazilian society: some reflections from Federal University of Parana (UFPR)

Renata Senna Garraffoni

<https://orcid.org/0000-0002-4745-8161> – E-mail: [resenna93@ufpr.br](mailto:resenna93@ufpr.br)

## RESUMO

O objetivo central do artigo é articular os saberes produzidos a partir de redes de pesquisa internacionais com a prática de ensino de História Antiga no Departamento de História da UFPR e pensar como, por meio da extensão universitária, é possível alinhar teoria crítica e transfor-

<sup>1</sup> Este artigo é um balanço de parte de minhas experiências como docente na UFPR e, por essa razão, sou grata a muitas pessoas que me acompanharam nesta jornada. Ressalto também que, no momento que fui convidada a participar da mesa na SBEC, que deu origem a este texto, estava escrevendo meu memorial para o cargo de Professora Titular da UFPR, por isso alguns dos temas aqui discutidos se cruzam com os que estão presentes no memorial defendido em 08/12/2023, em especial no que tange à relação entre ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, agradeço à Ana Paula Vosne Martins e aos colegas Andrés Zarankin, Fábio Vergara Cerqueira, Pedro Paulo Abreu Funari, membros da banca, à Ana Maria César Pompeu, à Kátia Teonia Costa de Azevedo e ao Orlando Luiz de Araújo, que estiveram na mesa sobre extensão na SBEC e à Jovelina Maria Ramos de Souza, então presidente da SBEC, pelo convite em participar do evento. Sou grata, também, a Alessandro Rolim de Moura pela parceria de tantos anos e à Jane Oliveira e à Renata Cazarini de Freitas por me desafiarem a pensar sobre curadoria digital. Tudo isso não seria possível sem a presença dos e das estudantes que encararam tantos desafios entre 2010 e 2016, quando fui tutora do PET-História, e a todos e todas que passaram ou atuam no *Antiga e Conexões*, a quem sou, também, profundamente grata. Institucionalmente cabe agradecer ao Departamento de História, ao Museu Paranaense, à PROEC-UFPR, ao MEC-SESU, pelo financiamento das atividades do PET-História e, mais recentemente ao CNPq, pelo apoio à pesquisa sobre Recepção da Antiguidade em Curitiba quem venho realizando, e ao projeto ANTIMO (2022-2025) - Proyecto de I+D+i La Antigüedad modernizada: Grecia y Roma al servicio de la idea de civilización, orden y progreso en España y Latinoamérica, PID2021- 123745NB-I00, MCIN/AEI/10.13039/501100011033 y FEDER. A responsabilidade pelas ideias recai apenas sobre a autora.

mação social. Para tanto, parto de algumas questões teóricas que entendo relevantes para delinear os caminhos percorridos, pontuadas principalmente a partir da relação entre História, Arqueologia e Recepção para, na sequência, apresentar um balanço de duas experiências de diálogo entre produção acadêmica e a sociedade, o projeto de extensão *Grécia e Roma na Escola*, coordenado pelo professor Alessandro Rolim de Moura no qual tive a oportunidade de atuar como vice-coordenadora das atividades, e o blog *Antiga e Conexões*, atualmente um trabalho de divulgação científica, em vias de se tornar um novo projeto.

**Palavras- chave:** Estudos Clássicos. Projeto de extensão. Cultura digital.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to articulate research produced from international bias with teaching Ancient History in the Department of History at UFPR, to think how, through community services, it is possible to align critical theory and social transformation. To do so, I shall start from theoretical approach that I consider relevant to outline the paths taken, mainly from the relationship between History, Archeology and Reception to, subsequently, present an analysis of two experiences: the project *Grécia e Roma na Escola* coordinated by professor Alessandro Rolim de Moura in which I had the opportunity to act as vice-coordinator, and the blog *Antiga e Conexões*.

**Keywords:** Classical Studies. Community services. Digital culture.

## Introdução

As reflexões que seguem são frutos de como minha formação em pesquisa sobre a Antiguidade Clássica e experiência como professora na Universidade Federal do Paraná se articulam com a profunda revisão epistemológica nas Ciências Humanas que ocorreram nas últimas décadas do século XX e os desafios do ensino em uma universidade pública brasileira. São reflexões localizadas, como se verá, mas que podem interessar aqueles e aquelas que enfrentam os desafios inerentes à curricularização da extensão em curso neste momento. Neste sentido, o objetivo central do artigo é articular os saberes produzidos a partir de redes de pesquisa internacionais com a prática de ensino de História Antiga no Departamento de História da UFPR em um contexto atravessado por desigualdades sociais que atingem tanto as universidades como o cotidiano escolar, e pensar como, por meio da extensão universitária, é possível articular teoria crítica com produção de conhecimento visando a transformação social.

Além disso, busco, com essas reflexões, ressaltar que, embora a curricularização da extensão seja um dos inúmeros desafios presentes nas universidades federais brasileiras, a tarefa de refletir sobre como os Estudos Clássicos podem estar presentes neste processo e quais meios possíveis de se concretizar diálogos entre a academia e a sociedade deveria ser parte de um debate mais abrangente. Neste sentido, a mesa proposta pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos no Congresso de setembro de 2023, em Belém, no Pará, sobre extensão universitária foi um marco importante, afinal, discutir sobre como Grécia e Roma se inserem neste contexto universitário particular do Brasil se constitui em uma novidade. Creio que o desafio aqui lan-

çado poderia se expressar na seguinte pergunta: como relacionar algo que surge do contexto brasileiro, a extensão universitária, com uma área de estudos como a nossa que trata de povos e culturas que, historicamente, não estiveram presente no Brasil?

Não há resposta simples para essa pergunta, por isso mesmo, optei por organizar o texto que segue considerando tanto a apresentação na mesa da SBEC que realizei na ocasião como as perguntas que constituíram o debate subsequente e, também, reflexões que surgiram quando fui tutora do PET-História da UFPR. O texto é, portanto, uma tentativa de dar forma a algumas experiências das quais participei e, ao mesmo tempo, uma sistematização de pontos que compreendo relevantes para que o debate se abra, também, às pessoas que não puderam estar presente na ocasião da mesa celebrada em Belém, mantendo o espírito do tema do evento, *Antiguidade(s): Transposições e Vertentes*. Assim, parto de algumas questões teóricas que entendo relevantes para delinear os caminhos percorridos, pontuadas principalmente a partir da relação entre História, Arqueologia e Recepção para, na sequência, apresentar um balanço de duas experiências de diálogo entre produção acadêmica e a sociedade, o projeto de extensão *Grécia e Roma na Escola*, coordenado pelo professor Alessandro Rolim de Moura no qual tive a oportunidade de atuar como vice-coordenadora das atividades, e o *blog Antiga e Conexões*, atualmente um trabalho de divulgação científica, em vias de se tornar um novo projeto. As atividades realizadas com Alessandro, juntamente com alguns anos como tutora do Pet-História, foram cruciais, como se verá, para que pudesse delinear uma posição de diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, criando as ações que hoje desenvolvemos no *Antiga e Conexões*. O que se segue é, portanto, uma análise dessas experiências, na tentativa de prosseguir com o debate proposto pela SBEC de maneira mais ampla com classistas interessados pela temática.

## Da teoria

O ponto de partida teórico desta reflexão são as críticas ao lugar da produção de conhecimento nas universidades que surgiram em meados da década de 1960, especialmente após os desconcertos causados pelas reflexões de Foucault (1996; 1997). Considerando que a moderna ciência nasceu em meio à formação dos Estados nacionais e imperialismo europeu, Foucault entre tantos outros pesquisadores, passaram a criticar o *modus operandi* da construção de modelos interpretativos das realidades sociais, percebendo que muitas vezes as leituras que a História ou a Arqueologia produziam das sociedades passadas estavam carregadas de uma visão de mundo eurocêntrica, fundamentadas na busca incessante pela verdade e pela legitimação de políticas de domínios territoriais. Problematizar leituras eurocentradas, masculinas, hetero-normativas e elitizadas tornou-se o centro dos debates.

Lytard (1997, p. 37-38), por exemplo, afirmou que a descrença com as metanarrativas na produção de conhecimento acerca do passado abriu espaço para repensar os modelos interpretativos até então criados e refinar nossa sensibilidade para percebermos as diferenças sociais de forma mais enfática. Nesta linha, Baudrillard (1997) desafiou os intelectuais a pensarem em alternativas para se escrever a História, abandonando a noção de causa/efeito em prol da busca de novas explicações sobre o passado; Munslow (2000, p. 189), baseado em Lowenthal (1985), chamou atenção para a urgência de pensar como construímos o passado como História e os arqueólogos Shanks e Hodder (1998), assim como Little (2007), defenderam a importância da produção de interpretações multivocais do passado. Nesse sentido, as revisões teóricas e metodológicas que atravessaram o campo de trabalho arqueólogos e historiadores, guardadas as particularidades de cada área, permitiram a construção de novos objetos

de estudo, além de sensibilizar homens e mulheres de que os elementos de nosso presente são fundamentais no processo de seleção e escrita da memória, atuando politicamente em suas práticas acadêmicas e educacionais.

Toda essa discussão impactou o campo dos Estudos Clássicos transformando as formas de se aproximar do mundo greco-romano e, entre os vários desdobramentos, é possível destacar duas perspectivas bastante particulares: de um lado o maior diálogo e a superação dos entraves disciplinares entre História Antiga, Arqueologia Clássica, Filologia e Filosofia produziram novas leituras sobre o passado greco-romano, de outro os estudos da transmissão da tradição clássica, a partir de uma perspectiva renovada como estudos de recepção, como propôs Hardwick (2003), questionaram aspectos da história greco-romana negligenciados em abordagens anteriores, refletindo de maneira mais intensa a relação entre passado antigo e a cultura na modernidade. Nesse sentido, questionar o entendimento dos Estudos Clássicos como modelo a ser copiado, emulado ou seguido, surgiram com mais força, afinal, como apontava Hardwick (2003, p. 4) tornou-se urgente criar abordagens críticas que permitam pensar a sociedade receptora da cultura greco-romana e, também, voltar à fonte antiga com novas questões algumas vezes marginalizadas ou negligenciadas pelos estudiosos.

Embora seja plenamente possível produzir conhecimento a partir de cada área e articular História, Arqueologia e Recepção é mais uma escolha teórico-metodológica que propriamente uma condição *sine qua non* para a produção de conhecimento, ao fazer essas conexões em sala de aula universitárias no contexto brasileiro é possível estimular discentes de História, que em breve serão professores e professoras nas escolas, a uma relação mais plural como o passado: pela História e os textos antigos chegam ao latim e ao grego, ao gosto pelo estudo das línguas; pela Arqueologia chegam a materialidade, seja a visualidade, a arquitetura, a Epigrafia, aos objetos ou a sujeitos que não necessariamente estão nos textos, ampliando, assim, as complexidades sociais e culturais e, por fim, pela Recepção, compreendem as formas como estes povos foram inseridos no cotidiano dos povos de diferentes origens que compõe a cultura brasileira e como se posicionar diante das relações de poder e resistências que surgem destes processos históricos conflitantes.

É exatamente esse potencial que, aos poucos, foi me interessando aprofundar, afinal, discentes que chegam hoje às universidades são de diferentes origens sociais e tais debates podem incentivar não só a novos objetos de pesquisa, mas a outros caminhos para se pensar o ensino de História Antiga, articulando pesquisa universitária com reflexões sobre o passado greco-romano e sua presença da posteridade no âmbito escolar. Tal potencial não foi algo que me ocorreu de imediato, ao contrário, foi um processo de reflexão que levou alguns anos de maturação, mas se iniciou com as abordagens de Arqueologia Pública como as reflexões mencionadas de Little (2007) e a oportunidade de atuar em projetos de extensão. O início, foi, teórico, mas foi a partir de uma melhor compreensão do potencial dos projetos de extensão que pude unir essas pontas mencionadas. Por essa razão optei, nesta ocasião, em retomar minha participação no projeto de extensão *Grécia e Roma na escola*, pois a partir dela e de meu envolvimento com a extensão universitária é que percebi outros caminhos possíveis para a pesquisa e ensino de História Antiga no Brasil.

## Da prática: extensão universitária como diálogo extra muro

Embora tenha tido uma formação quase exclusivamente pautada na pesquisa de ponta como produção de conhecimento, ao participar de projetos de extensão universitária, ocorreu, sem dúvidas, um deslocamento importante na minha prática de pesquisa e ensino. Aos poucos

passsei a entender a extensão universitária como um pilar importante da produção de conhecimento de forma mais democrática, pois o contato mais sistemático com situações extra-acadêmicas transformou minha percepção de trabalho e, a partir das conexões mencionadas, a divulgação científica se tornou uma faceta importante das pesquisas que realizo. Ao longo desses quase vinte anos de docência, tive a oportunidade de estar envolvida com vários projetos de extensão, em especial quando fui tutora do PET-História, entre 2010 e 2016, e, também, nas parcerias realizadas com o Museu Paranaense entre 2017 e 2018<sup>2</sup>. Apesar de parcerias distintas, um dos pontos que tinham em comum é que sempre se davam entre diferentes campos de saber acadêmico e as comunidades. Ou seja, todas eram interdisciplinares – participei de projetos com professores do Direito, Economia, Ciências Sociais da UFPR; com pesquisadores dos Setores de Arqueologia e História do Museu Paranaense – e voltados para os mais diferentes públicos: refugiados, estudantes estrangeiros, comunidades de catadores de material reciclado, frequentadores do Museu Paranaense, para citar alguns exemplos.

Já no caso específico dos Estudos Clássicos, há duas experiências que gostaria de comentar: minha participação no projeto de extensão liderado pelo Alessandro Rolim de Moura, das Letras Clássicas da UFPR, e o trabalho de divulgação científica que venho realizando junto ao *blog Antiga e Conexões*. Entendo que essas reflexões sobre os Estudos Clássicos em específico, junto a teoria mencionada, ajudam a discutir os desafios de se construir espaços de debates sobre o mundo clássico fora dos muros acadêmicos. Afinal, ao sair do ensino universitário, em alguma medida, é preciso criar uma metodologia de trabalho coletivo que leva em conta a escuta, o diálogo e a interdisciplinaridade para o desenvolvimento de atividades que estimulem o pensamento crítico entre as pessoas envolvidas.

Neste sentido, a experiência com o projeto *Grécia e Roma na Escola*, em 2009, foi o início de muito do que desenvolvi desde então. Em 2009 o professor Alessandro Rolim de Moura, das Letras Clássica/UFPR, que já estava começando a implementar a ideia de trabalhar conteúdos de Grécia e Roma com crianças em contraturno de escolas públicas de Curitiba, me convidou para conhecer as atividades e os membros que já compunham sua equipe, no caso, os estudantes de graduação de Letras. Essa equipe, pouco tempo depois, se tornaria a base do projeto de extensão *Grécia e Roma na Escola*, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPR, em parceria com uma escola pública (Ernani Vidal) e duas privadas (Israelita e Novo Ateneu). Como Alessandro de Moura era o coordenador do projeto e eu a vice, acordamos que as vagas para voluntários e bolsistas seriam para estudantes das Letras e da História da UFPR, marcando assim, a sua principal característica: a interdisciplinaridade, do ponto de vista teórico, e o diálogo, do ponto de vista institucional, entre dois Departamentos. Seu objetivo central foi realizar, no espaço das escolas, atividades extracurriculares relacionadas à história e à cultura (especialmente língua e literatura) dos antigos gregos e romanos. Portanto, não seria como uma prática de estágio que nossos discentes de licenciatura desenvolvem, mas atividades em que as crianças estariam mais livres para escolher temas de interesse deles e, que, ao mesmo tempo, estimulasse a leitura e o conhecimento histórico.

Ao longo de dois anos (2009-2011), atendemos a 32 crianças na escola Ernani Vidal, 8 na Israelita e 30 no Novo Ateneu. Como era um projeto voltado a crianças do sexto ano, optamos por trabalhar a língua e a escrita em diferentes superfícies materiais, pois isso permitiria que discutíssemos os textos como também as inscrições e seu contexto arqueológico, marcando as

---

<sup>2</sup> Os relatórios das atividades desenvolvidas no período em que fui tutora (2010-2016) podem ser encontrados em <https://pethistoriaufpr.wordpress.com/downloads/>. Já especificamente sobre o projeto de extensão *História das Mulheres no Museu Paranaense*, conferir Vieira e Carneiro (2022).

diferentes formas de escrita no mundo antigo. Criamos um método de trabalho que envolvia reunião semanais com discentes da UFPR que atuaram no projeto para discussão de textos sobre Epigrafia e Mitologia, tanto das áreas de História como de Arqueologia e Letras e, também, reuniões para organizar o material e preparar as oficinas, em especial para buscar nos *websites* de museus europeus e norte-americanos imagens de inscrições ou instrumentos de escrita para que as crianças pudessem visualizar essa cultura material a que nos referimos ou preparar os roteiros para contação de histórias. As oficinas eram ministradas nas escolas pelos discentes bolsistas e voluntários que participaram do projeto, mas sempre com a nossa presença.

Essa parceria, depois transformada em capítulo de livro (MOURA; GARRAFFONI, 2015), nos trouxe uma real dimensão das dificuldades do cotidiano da extensão com escolas, em especial devido ao tipo de grade que, muitas vezes, impede o desenvolvimento de atividades extracurriculares como as que propusemos. Por outro lado, quando conseguimos os espaços adequados, chamou muito nossa atenção a curiosidade das crianças e a facilidade com que lidaram com as línguas antigas. Ficou claro, nestas atividades que a linguagem, quando tratada na suas múltiplas dimensões, mesmo que distante do cotidiano de algumas das crianças, é uma ferramenta importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura, pelas histórias e culturas de outros povos e, do ponto de vista das habilidades sócio-emocionais, quando atividades são realizadas de forma coletiva, como fizemos, com contação de histórias e oficinas, além do caráter lúdico, faz com que as crianças desenvolvam interesse pela alteridade, formas de diálogo e questionamentos de seu cotidiano. Isso significa que extensão e pesquisa, quando atreladas, tem capacidade transformadora na formação de estudantes, tanto os em idade escolar, como os próprios acadêmicos<sup>3</sup>. Foi a partir desta experiência que percebi, portanto, o potencial da extensão, afinal tocou a todos os envolvidos, docentes, estudantes da UFPR e às crianças atendidas. Embora ainda não tivesse ideia da amplitude do impacto, ao ver a curiosidade das crianças e o interesse intelectual dos estudantes de graduação, percebi que seria interessante me candidatar a vaga para tutora do PET-História, decisão que inaugurou muitos novos desafios em minha prática como docente da UFPR. Foi entre essas experiências – participação no projeto *Grécia e Roma na Escola*, tutoria do PET-História e, posteriormente, atuação em um segundo projeto de extensão *História das Mulheres no Museu Paranaense* – que moldei minha visão sobre docência, cidadania e inclusão social, saindo da teoria e, na prática, passando a refletir sobre importância da universidade pública na construção de diálogos em uma sociedade tão desigual como a nossa. Projetos de extensão, quando atrelados à pesquisa, tem uma capacidade ímpar de tocar vidas, de gerar espaços de reflexão sobre o presente, de construir alternativas. Ao formar novos lugares de reflexão é possível despertar empatia pelo passado em pessoas com diferentes formações e estimular meios de diálogo entre passado e presente não como mera herança ou continuidade, mas como diferença, como ruptura, como outras formas de viver e sentir.

O PET-História, além da questão prática das ações de extensão, me proporcionou reflexões sobre outras formas de articulação de saberes, me levando a explorar um campo que não imaginava existir: a presença greco-romana em Curitiba. O encontro inesperado veio primeiro em 2012 pelas leituras feitas sobre a vida de Dalton Trevisan e suas críticas às Festas da Primavera e, depois, em 2015. Neste ano, dado às primeiras ações de extensão que firmamos com o Museu

---

<sup>3</sup> A trajetória de Ingrid Frandji é um bom por exemplo. Na ocasião, discente de graduação em História, foi bolsista do projeto em toda sua duração, se interessou pelos papiros gregos do período do Egito Romano, tornou-se minha orientanda e estudou grego no DEPAC/UFPR, fez uma iniciação científica, na área, além de mestrado e doutorado. Em diferentes momentos de sua formação foi bolsista DAAD, frequentando universidades alemãs em suas pesquisas. Atualmente é professora substituta na Unespar/Paranaguá.

Paranaense, meu acesso à reserva técnica se tornou quase cotidiano por alguns anos e passei a notar a quantidade de material por lá que trazia a presença greco-romana em Curitiba. Jornais, revistas literárias, fotografias de festas e, o que me pareceu mais incrível, a coroa de louro que Emiliano Pernetta recebeu em 1911 na Festa da Primavera, no Passeio Público. Estar diante da coroa foi bastante inesperado e, por isso mesmo, surgiu a ideia de fazer, em paralelo ao projeto de extensão, algo mais pessoal: um levantamento do que havia no Museu sobre recepção greco-romana em Curitiba (GARRAFFONI, 2018).

Não é exagero dizer, portanto, que os projetos de extensão junto ao Museu Paranaense me abriram caminho para uma pesquisa inédita, a recepção e a presença greco-romana em Curitiba. Além de ter se tornado uma área de estudo a que me dedico atualmente, inclusive com uma faceta internacional, foi ela que permitiu a criação do *Antiga e Conexões*, um *blog* de divulgação científica que mantenho em conjunto com meus orientandos de pós-graduação e graduação, experiência que passo a discutir na sequência<sup>4</sup>.

## Antiga e conexões

*Antiga e Conexões* surgiu, em 2018, da preocupação de alguns orientados com o aumento dos usos do passado antigo pela extrema direita na *internet* e da vontade de fazer um *blog* menos acadêmico, mas com diferentes informações sobre o mundo antigo que servisse de contraponto, explorando percepções críticas e, também, deixando mais claro as implicações de usar o passado em discursos de ódio. Era, então, uma iniciativa que atrelava reuniões mensais para produção de conteúdo diversos para o *blog* e discussões teóricas sobre estudos de recepção que, aos poucos, foi se tornando um canal de divulgação científica mais dinâmico, com a produção de conteúdo nas redes sociais. Desde o início foi pensado como um grupo e pautado no trabalho coletivo dialogado; foi por meio das reuniões e várias conversas que decidimos seu formato, seus objetivos, a plataforma (*wordpress*), as mídias sociais de divulgação do conteúdo (*Facebook* e *Instagram*), os conteúdos a serem publicados, sendo que, no início, as postagens eram feitas a cada semana ou cada quinze dias, sempre tratando temas sobre a recepção da Antiguidade Clássica que interessava aos integrantes do grupo naquele momento.

Quando ajustamos um formato de trabalho e pensava em torná-lo um projeto de extensão, veio a pandemia de coronavírus e todas as suas incertezas e isolamento social. Conforme notamos que a suspensão de aulas iria ser bem mais longa que uma ou duas semanas, em conjunto com os estudantes da ocasião, transformamos os encontros mensais em reuniões remota semanais e, a partir da experiência que tinha de pesquisas temáticas no PET, propus que ao invés de cada um escrever um texto sobre um tema, que era a prática até então, que debatêssemos uma questão por semestre e produzíssemos material didático para *download* no *site*. Desta proposta surgiram vários trabalhos sobre a presença da Antiguidade Clássica na arte, na moda, na música, no cinema, nas revistas literárias de Curitiba. Além disso, como com a pandemia o mundo virtual se tornou regra, criamos um canal *Youtube* em janeiro de 2021, no qual professores e professoras, do Brasil e do exterior, são convidados para apresentar e debater suas pesquisas<sup>5</sup>. A divulgação tanto do canal como das redes sociais acabou não só por internacionalizar as pesquisas que estávamos desenvolvendo, como abriu um novo tipo de reflexão, o *blog* como suporte para resultados de projeto de extensão. Isso porque, colegas como a professora Jane Oliveira, que coordenou um projeto de ex-

<sup>4</sup> O endereço eletrônico do *blog* é: <https://antigaconexoes.wordpress.com/>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AntigaConex%C3%B5es/featured>. Acesso em: 28.mar.2024.

tensão na Universidade de Ponta Grossa sobre cinema e recepção, começaram a se interessar em divulgar seus trabalhos em nosso *blog*, e uma das soluções que pensamos foi criar uma aba “parcerias” no *blog* para acomodar os trabalhos. Com essas ações houve um aumento de acessos e visitas em nossas páginas, o que consideramos bastante expressivo<sup>6</sup>.

O aumento da procura ao longo dos anos abriu um campo de reflexão com estudantes sobre divulgação científica, curadoria digital e disponibilização de material didático para ensino, portanto, novos desafios. Dentro deste contexto, optei por aprofundar leituras nos debates sobre cibercultura para refletir sobre como apresentar os conteúdos que produzimos e como avaliar seus impactos (BASSANI; MAGNUS, 2021; CORRÊA; BERTOCCHI, 2012; LEMOS, 2009). Isto porque do ponto de vista cultural, não há dúvidas hoje, que a *web* passou ter um papel importante, às vezes central, no cotidiano das pessoas. Diante desta mudança de relação com a *web* e o espaço que passou a ocupar após a pandemia, fica evidente que há muita informação nas redes e, conseqüentemente, isso impacta na produção e divulgação do conhecimento e, também, aumentou a demanda aos professores e professoras do ensino fundamental e médio por conteúdo digital. Portanto, é preciso levar em conta que, por um lado, como aponta Lemos (2009) os e as estudantes jovens (tanto os que entram na Universidade como os que estão na escola) vêm de um contexto de conexão profunda com a cibercultura, suas práticas de recombinação e conexão em rede e, por outro, como destaca Corrêa e Bertocchi (2012) a presença dos algoritmos podem decidir os caminhos da busca de quem tem a *web* como principal fonte de acesso a pesquisa, gerando a necessidade de estarmos atentos a isso e como ser ativo no processo de intermediação em sala de aula. Ou seja, os autores citados são exemplos de uma discussão importante e atual de como nos relacionarmos com a cultura digital e, de certa forma, nos colocam um desafio, como professores e professoras universitário/as de quais seriam nossos lugares e papéis neste novo contexto em que a cibercultura pode demandar reconfiguração de nossas práticas docentes e de pesquisa.

Creio que a reflexão proposta por Patrícia Bassani e Emanuelle Magnus (2021), neste sentido é fundamental: como não perder de vista o papel social que a curadoria digital do/a professor/a em sala de aula e as práticas educativas críticas que podem surgir a partir delas. Essas reflexões das autoras abrem um debate que nos interessa particularmente, haveria lugar para os Estudos Clássicos produzidos no Brasil neste contexto digital? Quando começamos o *blog* em 2018 a preocupação era com a produção de reflexões que visassem um contraponto às apropriações do mundo greco-romano feitos pela extrema direita e seus discursos de ódio, mas de lá para cá o cenário mudou drasticamente com a pandemia de coronavírus e o ensino remoto. Lógico que tais apropriações violentas seguem circulando na rede, mas também é fato que com a volta ao ensino presencial, algumas práticas que pensávamos temporárias no período mais agudo da pandemia, se tornaram cada vez mais presentes no cotidiano de sala de aula, seja na universidade, seja nas escolas. Isso interfere de forma mais contundente nos hábitos de pesquisa, de ensino e os discentes que chegam hoje às universidades estão completamente inseridos na cultura digital, o que de certa forma nos provoca a lidar com novas questões e forma de entender a produção de conhecimento.

Assim, de momento, embora *Antiga e Conexões* ainda esteja em fase mais experimental, mas em vias de se transformar em um projeto de extensão dado ao crescimento do interesse, é perceptível a mudança da relação com a produção de conteúdo para o *blog* nestes anos. Cada vez mais os estudantes que têm atuado no *blog* apresentam suas preocupações em como escrever os

---

<sup>6</sup> Hoje contamos com 2258 seguidores no *Facebook*, 1522 seguidores no *Instagram*, 302 inscritos no canal *Youtube* (inclusive estrangeiros) e 3440 visualizações em nossos 14 vídeos. Dados de: 28.mar.2024.

textos, todos ficam mais atentos às apropriações feitas da produção artística, despertando discussões sobre direitos autorais, se preocupam com a linguagem, seja a escrita, seja a visual para a produção de conteúdo, além de gerar valorização do trabalho coletivo em rede e uma efervescência de ideias que, seguramente, muda a relação que estabelecem com a própria pesquisa. Ou seja, algo que tem me chamado a atenção é que se a relação com o mundo digital no contexto escolar ainda causa desconfiança e controvérsia, mas há uma percepção entre nossos discentes, futuros professores, de que o debate é urgente, assim como há uma preocupação que a produção do conteúdo digital seja fruto de pesquisa, de trabalho coletivo, com acesso aberto. Entendo, portanto, que esta experiência que molda o *blog*, a relação entre pesquisa e divulgação científica em contexto digital, abre portas para discutir temas que afligem diretamente nos estudantes e professores em escolas. Algo que passaria despercebido se não fosse esse contato mais direto com as discussões extra-acadêmicas que os estudos sobre recepção podem proporcionar. Por hora, as reflexões que temos feito sobre relação entre Estudos Clássicos e contexto digital estão apenas início, mas creio que o *blog*, como experimentação e forma de acessar a esses debates, pode nos abrir portas para nos conectar com outros que tem propostas semelhantes, pois este não é o único no país, e, talvez, trazer à tona uma discussão mais ampla sobre as possíveis relações entre Antiguidade Clássica e tecnologia, em especial as contribuições brasileiras com a democratização de acesso a conteúdos antes mais restritos à academia.

## Considerações finais

Para concluir creio que neste momento cabe aqui um balanço do significado de todos esses anos trabalhando a interface docência/pesquisa/extensão/divulgação científica. De maneira geral diria que as leituras teóricas sobre multivocalidade do passado e as ações de Arqueologia Pública que conhecia das leituras que tinha feito me impulsionaram a buscar um espaço de ação que a extensão e sua potência de trabalho em rede veio a preencher. Mas este espaço, pela minha formação em pesquisa a partir de teoria crítica e, também, na licenciatura, pelos métodos de Paulo Freire, não poderia ser algo neutro, precisaria ser preenchido com debates, com produção coletiva e democrática de conhecimento e com a linguagem em suas múltiplas formas. Assim, entre o projeto *Grécia e Roma na escola* de 2009 e a atual produção de conteúdo digital de divulgação científica em 2024 há muitos deslocamentos, novas parcerias e novos desafios impostos pelo ensino remoto, mas há algumas permanências importantes que entendo que são o fio condutor por todos esses campos distintos, que amarram as ações e formam minha visão política das relações entre ensino, pesquisa e extensão: o desafio do trabalho interdisciplinar entre cultura material e textos. *Antiga e Conexões*, neste sentido, é talvez, um lugar em que consegui juntar, com discentes, experiências múltiplas, em que foi possível convergir mundos: os estudos clássicos, as teorias de recepção, a literatura de diferentes tempos, o patrimônio histórico, o diálogo entre pesquisadores, estudantes e público em geral, no Brasil e exterior, a produção de material de apoio a professores do ensino médio e fundamental, a divulgação científica digital. Um lugar de encontros, de ideias compartilhadas, de acesso livre a diferentes formas de saber.

## Referências

BASSANI, P. B. S.; MAGNUS, E. B. Práticas de curadoria como atividades de aprendizagem na cultura digital. In: SANTOS, E. O. et. al. (Orgs.). *Informática na Educação: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v. 1).

- BAUDRILLARD, J. The ilusion of the end. In: JENKINS, K. (Org.). *The post-modern reader*. Londres: Routledge, 1997. p. 39-46.
- CORRÊA, E.; BERTOCCHI, D. O papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação. In: SAAD, E. N. (Org.). *Curadoria digital e o campo da comunicação*. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 22-39.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GARRAFFONI, R. S. *Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense: recepção dos clássicos, poesia simbolista e política*. Curitiba: Edição por demanda/SAMP/Museu Paranaense, 2018.
- HARDWICK, L. *Reception Studies*. Oxford: OUP, 2003.
- LE MOS, A. Cibercultura como território recombinante. In: TRIVINHO, E.; CAZELOTO, E. (Orgs.). *A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009.
- LITTLE, B. J. *Historical Archaeology: why the past matters*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.
- LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: CUP, 1985.
- LYOTARD, J-F. The postmodern condition. In: JENKINS, K. (Org.). *The post-modern reader*. Londres: Routledge, 1997. p. 36-38.
- MOURA, A. R.; GARRAFFONI, R. S. As línguas clássicas no ensino fundamental: considerações a partir de uma experiência recente. In: PRATA, P.; FORTES, F. (Orgs.). *O Latim hoje: reflexões sobre cultura clássica e ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 167-204.
- MUNSLOW, A. *Deconstructing History*. Londres: Routledge, 2000.
- SHANKS, M.; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretatives archaeologies. In: WHITLEY, D. S. (Org.). *Reader in archaeological theory: post processual and cognitive approaches*. Londres: Routledge, 1998. p. 69-94.
- VIEIRA, P. P.; CARNEIRO Jr., R. A. (Orgs.). *As histórias das mulheres no Museu Paranaense*. Curitiba: Editora da UFPR, 2022.

---

#### Sobre a autora

##### **Renata Senna Garraffoni**

Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora titular de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Recebido: 24/03/2024  
Aprovado: 10/04/2024

Received: 24/03/2024  
Approved: 10/04/2024